

Senado também descarta CPI do grampo

Sarney e líderes decidem deixar investigações com Ministério da Justiça

Isabela Abdala e Francisco Leali

● BRASÍLIA. O Senado decidiu evitar a instalação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) para apurar o grampo nos telefones de políticos baianos. O presidente do Senado, José Sarney, reuniu-se ontem com os líderes dos partidos e todos defenderam que as apurações sejam conduzidas no âmbito do Ministério da Justiça, do Ministério Público e da Assembléia Legislativa da Bahia. Ao Planalto, também desagradava a idéia de uma CPI.

Em reunião com o chefe da Casa Civil, José Dirceu, no fim

da tarde, os líderes do PT também discutiram o assunto. O líder na Câmara, Nelson Pellegrino (BA), um dos grampeados e que até as 16h defendia a instauração imediata da CPI, mudou o tom. Saiu dizendo que foi convencido a aguardar o resultado das investigações do Ministério da Justiça e da CPI da Assembléia Legislativa da Bahia.

— Ouvi ponderações que eram pertinentes. Vamos ver como será a condução dos trabalhos da CPI na Assembléia. Se a maioria governista for usada para criar obstáculos na apuração, aí teremos um

cenário para a criação da CPI aqui — disse Pellegrino.

No Planalto, foi decidido que será criada uma comissão para acompanhar as investigações e que o governo enviará um projeto ao Congresso para tornar mais rigorosa a punição para os crimes de violação de sigilo telefônico.

No início da tarde, o ministro do Trabalho, Jaques Wagner, e deputados da Bahia cobraram do Ministério da Justiça rigor na apuração da escuta ilegal montada pela Secretaria de Segurança do estado. O ministro também desconfia que tenha sido grampeado.

Apontado pelos deputados baianos como o responsável pelo grampo, o senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) voltou a dizer ontem que não tem envolvimento com o caso. Ele disse estar sendo “víctima de levianos”, e ameaçou processar aqueles que o acusam e que não estão protegidos pelo mandato parlamentar, numa referência ao ex-deputado Benito Gama (PMDB).

— Tudo o que acontece na Bahia, ou sou eu, ou o Senhor do Bonfim, para o bem e para o mal — ironizou. ■

COLABOROU Ilmar Franco